

# Brasília-DF



**DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)**  
deniserothenburg.df@dabr.com.br

## Prioridade

No PL, muita gente considera que o senador Flávio Bolsonaro (RJ) terá de, primeiramente, dar uma acalmada nos próprios irmãos para, depois, cobrar algo de aliados e afins.

## Prévia da sabatina

A Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) quer ouvir o ministro da Advocacia-Geral da União, Jorge Messias, sobre a atuação conjunta com o Tribunal de Contas da União (TCU) no caso Master. A oposição vê aí um prato cheio para colocar Messias “na chuva”, antes que a indicação ao Supremo Tribunal Federal desagüe na Comissão de Comissão e Justiça, responsável pela sabatina dos indicados ao STF. O presidente da CAE, senador Renan Calheiros (MDB-AL), ainda não marcou a ida de Messias à comissão.

## Bandeira feminina

O PL cogita trocar a indicação do deputado Hélio Lopes (RJ) para a disputa do Tribunal de Contas da União (TCU). Há uma construção interna para indicar Soraya Santos (RJ). O motivo é levantar o discurso da representação feminina como forma de atrair votos de outros candidatos.

## Páreo difícil

Hoje, o candidato com mais votos é o do PT, Odair Cunha (MG). Graças a um acordo do presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), com alguns líderes partidários, Cunha conta com, aproximadamente, 170 votos para a eleição ao TCU. Entretanto, há quem se lembre do histórico do PT em pleitos antigos, uma vez que a legenda nunca conseguiu eleger um candidato ao tribunal.

## Por falar em TCU...

O grupo Líderes Empresariais (Lide) e o Correio Braziliense abrem a temporada 2026 de seus eventos em parceria na próxima quarta-feira, 15 de abril, com o tema “Eficiência na Gestão Pública”, algo que promete chamar a atenção nestas eleições. Entre os palestrantes, estão dois ministros do Tribunal de Contas da União, Antonio Anastasia e Augusto Nardes, que têm a gestão como bandeira.

## A pedreira de Flávio está na direita

A briga interna do PL fez acender o pisca-alerta nos partidos de centro que cogitavam se aliar ao senador Flávio Bolsonaro, o filho 01 de Jair Bolsonaro e já indicado como o nome que representará o bolsonarismo na corrida presidencial. União Brasil e Progressistas, casados na federação União Progressista, agora vão repensar as rotas. Pretendem trabalhar e fazer muitas pesquisas qualitativas até as convenções de julho para definir oficialmente um caminho. Afinal, há uma máxima na política que “quem tem tempo, não tem pressa”, e muita gente no PP pretende levar essa ao pé da letra.

**Enquanto isso, no PL/** A avaliação no PP é de que, se Flávio quiser mesmo essa federação ao seu lado, terá de oferecer a vice e espaço no Senado e em governos estaduais. Porém, essa construção não está fácil, uma vez que os Bolsonaro têm o direito de indicar os candidatos ao Senado dentro do PL, e a fila está grande. No DF, por exemplo, o PL escanteou todos os partidos aliados para fechar com Michelle Bolsonaro e Bia Kicis ao Senado. Em Santa Catarina, Carlos Bolsonaro. Em São Paulo, Eduardo Bolsonaro quer indicar um amigo. Para completar, ainda tem a briga interna de Eduardo com Nikolas Ferreira, e por aí vai. Ou seja, há muito barulho, problema e pouco espaço. E, nesse cenário, muita gente no PP e no União vai defender carreira solo e foco na eleição proporcional, ou seja, de deputados federais e estaduais.



## CURTIDAS

**Depois de 51 anos...** / O ex-deputado Marcelo Barbieri, talvez o último representante daqueles que seguiam a cartilha de Orestes Quéricia, deixou o MDB e seguiu para o PDT. Sinal de que nem tudo são flores no partido de Michel Temer. Barbieri foi seu assessor no Planalto, foi prefeito de Araraquara e um dos quadros do MDB quercista.

**Simbólico/** Um vídeo produzido com a ajuda de IA no Instagram do fã-clube do ex-prefeito de Maceió JHC mostra o senador Renan Filho (MDB-AL) olhando para trás e fechando o semblante. Aparece, então, JHC chegando. Para muitos, foi um recado de que o caminho para João Henrique Caldas concorrer ao governo estadual não está fechado.

Marina Ramos/Câmara dos Deputados



**Portas abertas/** Até aqui, não houve comunicado do ex-prefeito rompendo com o deputado Arthur Lira (PP-AL, foto), pré-candidato ao Senado, ou do parlamentar se afastando do ex-prefeito. Ao contrário. As menções sempre foram elogiosas. Vale lembrar que as convenções para oficializar candidaturas são no fim de julho. Logo, JHC continuará na toada do “devagar também se chega”.

**Bagunça na Casa/** As comissões da Câmara dos Deputados ainda estão paradas, mesmo depois do retorno aos trabalhos. O motivo é a janela partidária, que mexeu com a correlação de forças nos partidos. Agora, será o momento de fazer novas nomeações para que os colegiados voltem às reuniões.

## » CB.Poder | MOREIRA FRANCO | EX-MINISTRO E EX-DEPUTADO FEDERAL

Também ex-governador do Rio de Janeiro, ele considera que STF acumula poder e, por isso, se imiscui em várias questões. Tal como a da sucessão no Palácio Guanabara. Eleitor fluminense pode ser obrigado pela Corte a ir às urnas duas vezes este ano

# “Supremo está passando do limite”

» LETÍCIA CORRÊA\*

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

**A** pesar de reunir um corpo qualificado de juízes, o Supremo Tribunal Federal (STF) está “passando do limite”. A avaliação é do ex-ministro de Minas e Energia, ex-deputado e ex-governador fluminense Wellington Moreira Franco. Na análise que fez aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Denise Rothenburg, durante a edição de ontem do CB.Poder — uma parceria do Correio com a TV Brasília, ele exemplificou o avanço da Corte em várias questões com a possibilidade de o Estado do Rio de Janeiro ser submetido a uma eleição direta para a escolha do governador de um mandato-tamão, a poucos meses de um outro pleito que decidirá quem ocupará o Palácio Guanabara pelos próximos quatro anos. Para Moreira, que lança hoje o livro Política como destino e descaminhos da democratização, isso não faz sentido e apenas confirma o “esgarçamento” das relações institucionais. Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

**O que o leitor pode esperar do seu livro, Política como destino e descaminhos da democratização. Será lançado hoje, em Brasília. O que os leitores e os nossos telespectadores podem esperar das mais de mil páginas com história da política nacional?**

Espero que o leitor tenha ali uma visão de um piauiense que, aos 10 anos, foi para o Rio de Janeiro e que, no Rio de Janeiro, começou a conhecer o mundo. Logo que entrei no curso ginásial, comecei a fazer política



estudantil. Naquela época, era o governo de Juscelino [Kubitschek]. De lá para cá, fui político o tempo todo. Não parei mais.

**Qual dos momentos importantes que presenciou marcou sua trajetória?**

Tive muitos momentos importantes porque conheci pessoas muito ricas de experiência e de presença na política brasileira. Tive um chefe político que foi o senador Amaral Peixoto, que tinha uma vasta experiência e com quem convivi por quase 30 anos. Por intermédio dele, pude conhecer pessoas como Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Thales Ramalho e vários outros. Convivi com toda essa geração em momentos difíceis, nos quais se combatia um regime

autoritário com muita esperança de se construir no Brasil um regime democrático que fosse sólido, que tivesse condições de se enraizar para criar uma sociedade mais aberta, mais justa e mais respeitosa com as pessoas. Tivemos algumas derrotas e poucas vitórias.

**O senhor fala muito do seu governo no Rio de Janeiro. Comenta no livro que, naquela época, já existia crime organizado. Por que é tão difícil combatê-lo? Poderiam ter cortado esse mal pela raiz lá atrás?**

Esse mal não se corta. No Brasil, o grande problema é que a relação do Estado com esse tipo de mal não é uma relação adequada. Com o tempo, o Estado acabou abrindo brechas e eles foram se infiltrando.

Hoje, estão infiltrados no Brasil inteiro. Isso destrói a capacidade do próprio Estado de combatê-los, porque há cumplicidade para que consigam ser tão fortes.

**O Supremo Tribunal Federal decide, esta semana, se haverá eleição direta ou indireta no Rio de Janeiro. Que saída vê para o Rio e por que se chegou a esse ponto?**

A saída é cumprir a regra, o que a Constituição e as normas dizem. O que propõem é uma eleição daqui a um mês, porque não se faz uma eleição em cinco dias. Tem que organizar, mobilizar a estrutura do Estado e recursos públicos para montar uma estrutura eleitoral para um mandato que está praticamente encerrado. É uma solução absolutamente



**O que [os ministros do STF] propõem é uma eleição daqui a um mês, porque não se faz uma eleição em cinco dias. Uma solução despropositada. Não tem o menor sentido fazer uma eleição agora. No Brasil, toda inovação significa risco e custo. Não temos condições de gastar demais”**

despropositada. Não tem o menor sentido fazer uma eleição agora. Existem procedimentos que se praticam: o presidente da Assembleia assume provisoriamente enquanto o processo eleitoral se realiza e o novo governador é escolhido. O custo disso é muito menor. No Brasil, toda inovação significa risco e custo.

**O termo “democracia” faz parte do título do seu livro. Como está a democracia brasileira hoje?**

Vivemos grandes problemas. Por exemplo: a relação do Supremo Tribunal Federal com a sociedade. Vê os problemas que surgem e o crime organizado proliferando no Brasil inteiro. Percebe-se uma certa leniência com eles. No Rio de Janeiro e em São Paulo, vemos que há uma certa cumplicidade do aparato policial. Isso precisa ser combatido com muita firmeza.

**Mas isso é um problema da democracia?**

Isso destrói a democracia porque retira a credibilidade, a autoridade e o sentido de respeito e de cidadania. Vem contaminando os Poderes. Não dá para continuar desse jeito. É preciso ter coragem

para enfrentar determinados problemas. Por exemplo: o Supremo não pode continuar tendo essa desenvoltura toda, com todo o respeito. Tenho até pessoas amigas que lá estão, extremamente qualificadas, mas, do ponto de vista institucional, está passando do limite. Não se pode ter tantos poderes para se meter em tudo. Esse caso da eleição no Rio de Janeiro, a menos de três meses de uma eleição que está dentro do calendário eleitoral do país, não tem cabimento.

**Temos um esgarçamento da relação política. Onde erramos para chegarmos a esse ponto?**

Política é diálogo. E o diálogo não pode ser apenas com quem pensa igual, porque isso não resolve nada. Você tem que buscar a capacidade de dialogar com quem pensa diferente e tentar encontrar um ponto de equilíbrio entre as divergências. A sociedade avança exatamente no esforço de encontrar esse equilíbrio. Quando se radicaliza, esse diálogo deixa de existir, rompendo um vínculo que é insubstituível na vida política.

\*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi